

“Entre o ser e o não ser”

(Teologia anti-sacrificial e sacrifícios nas religiões populares)

Marcelo Barros

“Um homem chamado cavalo” foi um bom filme épico que, no estilo de faroeste, tem uma temática crítica ao mundo tradicional do faroeste americano colonizador. O filme foi feito em 1975, pelo diretor Elliot Silverstein. Era baseado na história real de um nobre inglês. Nos meados do século XIX, ele foi caçar borboletas no leste dos Estados Unidos e caiu aprisionado pelos índios Sioux. Esses o mantêm vivo para servir de montaria para uma índia velha que já não podia montar em cavalos. Por isso o seu nome se tornou cavalo e ele sofreu muito. Entretanto, depois de um longo período de adaptação, passou a admirar a cultura comunitária dos Sioux a um ponto tal que decidiu se tornar um deles. Para isso, era preciso ser iniciado como membro da comunidade indígena. Só que ele não imaginava como seria esse rito de iniciação. Era um ritual terrível. Depois de vários dias sem comer nem beber, devia passar pelo fogo e por último ser levantado do chão por argolas de ferro que eram enfiadas em seu peito. A prova consistia em resistir a isso, sem gritar nem pedir que parassem. Ao ver aquela cena terrível, muitos espectadores podem se perguntar para que aquele sacrifício. Por que exigir aquilo de alguém? É a pergunta que cada vez mais na cultura atual, nos fazemos diante dos sacrifícios, sejam de animais, sejam sacrifícios praticados pelos fiéis nas culturas e religiões populares.

Como não sou índio ou membro de uma comunidade indígena ou negra tradicional, não me sinto com o direito de

interpretá-las a partir de fora. No meu contato com os índios do Centro-oeste nos anos 80, também descobri que os rituais de passagem são sempre muito sofridos e duros. Da mesma forma, em muitas comunidades de Candomblé, os ritos de iniciação são muito exigentes. Certamente isso ressalta como é difícil ser índio ou assumir a identidade negra em uma sociedade como a nossa. Começo essa conversa por essas recordações para abordar esse assunto na metodologia latino-americana, isso é, na medida do possível partindo da realidade, confrontando essa realidade com o que podemos pensar seja no plano da fé seja no da racionalidade e enfim procurando tirar algumas conclusões do que pensar a respeito dos sacrifícios nas culturas e religiões populares.

1 – Uma abordagem inicial

Devemos analisar e aprofundar esse tema dos sacrifícios nas religiões a partir de uma abordagem interdisciplinar que uma antropologia social, ciências da religião e teologia. Quero tentar isso. É preciso fazer duas observações imediatas: a primeira é que no culto comum, todos os animais que são oferecidos servem para a alimentação da comunidade e mesmo de pessoas de fora que chegam no terreiro naquele dia. As pessoas comem com o Orixá. Chama-se “comida de santo”. Toda a culinária baiana e esses quitutes conhecidos no mundo inteiro têm sua origem em “comida de santo”¹. Nas religiões afrodescendentes, não há sacrifícios nos quais a vítima é queimada. Todos os sacrifícios são de comunhão. Isso significa que se oferece o carneiro a Xangô na noite de 28 de junho, mas no almoço do dia

¹ - Cf. RAUL LODDY, **Santo também come**, Recife, IJNPS/Artenova, 1979.

29, todos comem do carneiro e é uma refeição absolutamente aberta. Todos têm acesso. Aí vem a segunda observação. Ao menos em Salvador, onde, várias vezes, participei de festas do Candomblé no Opô Afonjá, várias pessoas me fizeram ver que os dias em que no Candomblé se oferecem sacrifícios são os únicos dias em que a população da favela vizinha do Cabula onde fica o templo, concretamente comem carne. E de graça.

Ainda uma terceira observação: em todas as religiões populares só animais sadios podem ser usados para os sacrifícios. E a tradição insiste que o animal deve de alguma forma dar sinais de que aceita e de que não rejeita seu destino. Cada vez que um bode, carneiro ou galinha esperneia demais ou tenta de todos os modos fugir, é sinal de que não serve para o sacrifício e na hora H deve ser poupado. Então, é verdade que se mata, portanto há uma violência, mas não se pode dizer que haja crueldade.

No Judaísmo atual, não se fazem sacrifícios de animais. É uma religião que nem tem templo. O único culto é da palavra na sinagoga e nas casas. Mas, tem regras alimentares. Para uma comida ser kosher, isso é, própria para a alimentação dos judeus, o animal deve ser sacrificado (o termo no mercado é o mesmo usado nas religiões), sacrificado o mais possível sem sofrimentos. A mesma lógica parece existir para o Islã e suas regras alimentares.

Assim também, nas religiões afro e indígenas, não se admite que se faça sofrer o animal a ser abatido. Isso é o contrário da sociedade capitalista, na qual pouco importa os muitos sofrimentos dos animais a ser abatidos. Importa seu peso

em dinheiro e o seu valor de mercado. As religiões que sacrificam animais fazem isso de forma menos cruel do que o mercado capitalista e em um contexto mais nobre, sendo que os animais servem concretamente para a alimentação não apenas dos ricos que podem comprar carne, mas de todos os que participam da festa e entram pela porta do terreiro.

Também é importante uma observação: nenhuma linha do Candomblé, nem da Umbanda tradicional, tem sacrifícios de despacho. Nenhuma religião faz sacrifícios para fazer mal a alguém ou para atrair a desgraça contra outro. Como as religiões de matriz afro não têm dogmas escritos nem autoridade centralizada que mande em vários terreiros ou em uma federação, não podem proibir que pessoas misturem tradições de Candomblé ou Umbanda com velhas práticas de magia africana ou indígenas e matem uma galinha preta, coloquem um lenço vermelho em seu pescoço e junto com uma vela coloquem em uma encruzilhada como um despacho pedindo alguma coisa que pode envolver o mal para alguém. Essas práticas de Quimbanda no Rio, ou de Catimbó, no Nordeste, não são institucionalizadas e nem comunitárias. Por mais que se deva ter com todas essas práticas o respeito devido às culturas diferentes da nossa, não é justo misturar as coisas e menos ainda confundir uma coisa com a outra. Uma vez, conheci um senhor que, no passado, aceitava fazer despacho. Tudo é secreto, mas desconfio que em alguns casos, se tratavam de despacho contra alguém a quem ele recebeu o encargo de prejudicar ou atrapalhar algum plano. E eu lhe perguntei francamente se aquilo era de Deus. Ele me respondeu: Se o senhor fosse um de nós, por exemplo, o meu avô negro no tempo da escravidão, o senhor ia

compreender. Imagine que o patrão ou senhor lhe diz: Mande sua filha de doze anos hoje para a minha casa que eu quero experimentar carne nova. E você não tem como defender sua filha. Não pode recorrer à justiça. Não tem como reagir. Mas, pode sim fazer o tal senhor pensar que o despacho que você colocou na porta da casa dele vai funcionar e ele ficar com medo e desista de fazer o mal à sua filha. Nesse caso, aquele despacho é de Deus e é bom ou não deve ser feito? Na teologia, a gente compreende que tudo tem de ser compreendido no seu contexto. Talvez essa história que eu ouvi daquele velho negro pareça coisa de muito antigamente, mas essa história de dono de fábrica mandar chamar à casa grande mulheres ou filhas dos operários nós tivemos aqui em Pernambuco até trinta ou quarenta anos atrás. E de fato não havia justiça nem outro recurso para o pobre a não ser o que ele acreditava. Hoje, isso é diferente. Há pouco tempo, ouvi uma mãe de santo dizer à comunidade: Quem oferece algum dom a um Orixá, pensando em pedir o mal a alguém, esse mal se volta contra si próprio porque o Orixá é do bem e da justiça e fica ofendido se alguém pensa em corrompê-lo para o mal.

2 – Um esboço de teologia afro e indígena dos sacrifícios

Embora não queira e nem possa falar em nome das religiões afro, tento aqui resumir o que escutei ao perguntar sobre sacrifícios de animais a sacerdotes e sacerdotisas do Candomblé e também da Umbanda. Tento sintetizar o que entendi dessas conversas, como também o que pesquisei em livros sobre o assunto. A primeira observação a fazer é que as religiões afrodescendentes e indígenas reconhecem que o céu, a terra, a água, as plantas e os animais pertencem a Deus. “Axé é a

força mágica e sagrada, a energia que flui entre todos os seres, todos os componentes da natureza. (...) Os ritos objetivam adquirir, manter, transferir e aumentar a força. A essência dos rituais (e dos sacrifícios) é fixar e desenvolver o Axé. Os elementos fundamentais são tirados de fontes minerais, vegetais e animais”². No culto, as pessoas adoram a manifestação divina em muitos desses elementos e recebem o Axé, a energia vital que se comunica através das plantas e animais. Então, oferecer em sacrifício um animal é como uma espécie de reconhecimento do dom divino, uma devolução de primícias que nos pertencem à sua origem primeira que é Deus ou seus Orixás, suas manifestações. Assim como se oferecem flores e perfumes a Iemanjá nas ondas do mar, se oferece um animal, galinha ou um cabrito a um Orixá como sinal de que tudo vem dele e nós recebemos dele reconhecendo que não nos pertence.

O filósofo italiano Umberto Galimberti afirma que o sacrifício nas religiões tem como função modificar a relação que tradicionalmente o agricultor tem com sua colheita e o criador com o seu gado. O ser humano reconhece Deus como proprietário de tudo e sinaliza que muda a relação de posse com as coisas³. Isso significa que, através do sacrifício, o fiel dessas religiões se compromete a lidar com a sua lavoura ou com sua criação de ovelhas ou com suas galinhas não mais como proprietário absoluto, mas como uma espécie de gerente da criação que pertence a Deus. Em algumas correntes ou linhas dessas religiões, os sacrifícios reproduzem também uma história

² - MONIQUE AUGRAS, **O Duplo e a Metamorfose**, A identidade mítica em comunidades nagô, Petrópolis, Vozes, 1983, p. 64- 65.

³ - Cf. UMBERTO GALIMBERTI, **Rastros do Sagrado**, São Paulo, Paulus, 2003, p. 22- 23.

mítica de algum antepassado. Comer com os Orixás do Candomblé iorubá, com os Inquices do Candomblé de Angola ou com os Caboclos da Umbanda é de certa forma o equivalente aos banquetes rituais das religiões de mistério da antiguidade e poderia corresponder à comunhão da ceia no Cristianismo, embora cada tradição tenha sua autonomia, sua história própria e não deva ser comparada, menos ainda para ser compreendida. Não seria respeitoso só se compreender uma tradição comparando-a com a nossa. Não é isso que estou propondo ou fazendo aqui. Simplesmente acentuo sua riqueza e sua dignidade não inferior à nossa e às antigas religiões de mistério.

Um babalaorixá de um dos ramos importantes do Candomblé (o Ketu) escreveu: “Tudo o que está vivo luta pela sobrevivência, seja de que maneira for. O vegetal cria defesas, assim como os animais sobre a terra. Também o ser humano luta para sobreviver. E nisso o homem tem uma vantagem, pois é um ser pensante. Tem *ori*, a capacidade de pensar e entender. Com isso, o ser humano se adianta e usa os meios que tem para preservar sua natureza. Dos vegetais, ele extrai a seiva, o sangue das plantas, macerando ervas, transformando-as no que chamamos de *Abô*, que é o sumo, a essência da vida vegetal. E com o *abô* lavamos nosso corpo, deixando que a seiva vegetal leve nosso peso, nosso cheiro para a terra, alimentando-a, fazendo uma troca. Existe uma linha do Candomblé (o bate folha) que só oferece plantas e não faz sacrifícios de animais. É uma linha minoritária, mas existe. A maioria, porém, assim como se alimenta dos animais, oferece alguns como comida para os Orixás, dedicando-os, de forma mais direta à mãe Terra. O homem sacrifica o animal, deixando o sangue tocar o solo,

alimentando a terra, em um ritual de troca, de adiamento do próprio sacrifício, que um dia por certo virá. E uma vez a Mãe Terra alimentada, uma vez o Orixá, ou Encantado alimentado, pela essência da vida, o homem festeja, festeja sua felicidade alimentando-se da carne dos animais sacrificados e das plantas, igualmente sacrificadas para os rituais da vida”⁴.

Ao entrar nessa relação de intimidade com o Divino, o fiel pode sim pedir algo que está precisando ou consultar o seu Orixá sobre algo que o está preocupando ou oferecer um sacrifício para pedir ao Orixá que o ajude em uma necessidade ou situação de vida determinada. Algumas tradições desenvolveram uma noção de sacrifício como uma forma de agradar um Orixá para que ele não se irrite conosco ou não nos prejudique (há quem interprete assim o padê de Exu que, aliás, na maioria dos casos, parece ser feito de cânticos e de oferta de água e não de animais). Como em qualquer religião, há quem viva essa questão dos sacrifícios quase como uma espécie de comércio entre o ser humano e o Divino (eu dou para que você me dê), mas não é a teologia tradicional nem parece ser a mais comum das religiões afrodescendentes.

3 – Uma teologia cristã sobre o sacrifício

Como diz René Girard, os sacrifícios são inerentes e essenciais a toda religião. Não há religião sem alguma noção de sacrifício. E não somente as religiões, toda cultura humana se baseia em uma noção de sacrifício. Girard tem razão quando afirma: “O sacrifício é a instituição primordial da cultura humana. Ele está enraizado no mimetismo, mais intenso nos seres

⁴⁴ - MARIO CESAR BARCELLOS, *Os Orixás e o segredo da vida*, Rio de Janeiro, Pallas, 2005, p. 22.

humanos do que nos animais mais miméticos, portanto, mais conflituoso”⁵. O sacrifício chega a ser “o fundamento de toda sociedade primitiva”⁶. Assim sendo, a religião bíblica não poderia ser diferente. Também conheceu e desenvolveu uma espiritualidade de sacrifícios. E não eram sacrifícios diferentes de outras religiões antigas. Um elemento que talvez seja importante salientar é que o sacrifício consiste no oferecimento do sangue. “A imolação da vítima é só um rito preparatório destinado a liberar a matéria sacrificial e não o rito central. Isso, de certa forma vai contra toda teoria do sacrifício como satisfação vicária”⁷. No primeiro testamento, se falam em três tipos de sacrifícios:

1 - a oferenda das primícias, (por ex. Dt 26, 1) e dos primogênitos, no qual os primogênitos humanos são substituídos por um animal (Ex 13, 11- 16). e

2 – holocaustos e sacrifícios de comunhão (Lv 3). Eram ritos de louvor – *todah* – (Lv 7, 11- 15). Ofereciam-se produtos vegetais ou animais comestíveis e o sentido é de que o fiel participa de uma refeição sagrada.

3 – o sacrifício pelos pecados e os sacrifícios de reparação (Lv 4, 1 – 5, 26). Esse tipo de sacrifício só aparece tardiamente no Código Sacerdotal, a partir do século V antes de Cristo e foi o tipo de sacrifício mais criticado pelos profetas que

⁵ - GIRARD, R., **O Sacrifício**, São Paulo, Realizações Editora, 2011, p. 93- 94.

⁶ - Cf. GIRARD, R., **La violence et le sacré**, Paris. Tradução: **A violência e o Sagrado**, Rio de Janeiro, Ed. É Realizações, 1990.

⁷ - ALFRED MARX, **O vocábulo *Sacrificio*** em JEAN-YVES LACOSTE, **Dicionário Crítico de Teologia**, São Paulo, Paulinas, Loyola, 2004, p. 1582- 1583.

diziam: Deus quer a misericórdia e a obediência e não os sacrifícios (Os 6, 6; Mq 6, 6- 8, Jr 7 etc).

Aliás, os profetas sempre insistiram que sacrifícios, templo e religião foram coisas criadas pelas pessoas para agradar a Deus, mas o que o agrada mesmo é a justiça e a misericórdia com que tratamos os outros (Jr 7, Is 58, Salmo 50 e 51).

No Novo Testamento, Paulo e depois os evangelhos insistem nessa espiritualidade profética de certo modo anti-sacrificial. Mesmo que as comunidades cristãs primitivas tenham interpretado a morte de Jesus em chave sacrificial, como dizia Santo Agostinho, o sacrifício de Jesus foi para abolir todos os outros sacrifícios⁸. Além disso, hoje toda teologia cuidadosa com os dados históricos salienta que se a morte de Jesus pode ser considerada um sacrifício, não é nem porque Jesus a entendesse assim, (na cultura judaica do seu tempo, isso não teria sentido), nem que Deus pensasse ou quisesse isso. Foi um sacrifício no sentido social do termo e significa mais doação, solidariedade, do que algo em si religioso ou sagrado. O que podemos dizer é que seja como for, uma visão sacrificial, mesmo compreendendo sacrifício no sentido mais social do que restritamente sagrado, seja como for, se mantém no âmbito ou no sentido da religião, isso é, da tentativa do ser humano aceder ao Mistério. E aí todas as religiões, tanto as afro-brasileiras, como as chamadas religiões do livro são ambíguas, contêm um elemento de violência simbólica e algo que vai no rumo da humanização e ao mesmo

⁸ - GIRARD, R., **Des choses cachées depuis la fondation du monde**, Paris, Grasset, 1978, p. 234. Há uma tradução brasileira desse livro « As coisas escondidas desde a fundação do mundo », Ed. É Realizações.

tempo na direção contrária. No começo do século XX, Karl Barth opunha religião e fé. Ao situar a fé no âmbito da revelação divina, como adesão do crente à iniciativa divina de se comunicar conosco, Barth diz que as tentativas ao contrário, a pretensão do ser humano de chegar a Deus através de seus próprios meios são idolátricos e contêm certa perversão. Portanto, todas as religiões são por sua própria essência ilusórias e fadadas ao fracasso. De fato, Paulo insistia que a salvação vem pela graça que a lei (isso é, a instituição religiosa não salva ninguém). Então, nem com sacrifícios de animais, nem com sacrifícios no sentido moral ou simbólico, os atos religiosos seriam salvíficos ou carregados de um sentido teologal. Um amigo dizia que imaginar oferecer algo a Deus como sacrifício é como se alguém chegasse com um copo d'água para derramar na cachoeira do Iguaçu, pensando em assim contribuir com a cachoeira... Entretanto, a julgar a partir dos pressupostos de uma teologia pluralista da libertação, tanto a posição de Barth sobre as religiões como uma visão muito negativa quanto aos sacrifícios das religiões populares seriam alienadas e desrespeitosas com as culturas, porque acabam menosprezando o fato de que o Verbo de Deus assume o humano, como ele é. Pedro Casaldáliga escreveu: “O Verbo de Deus se fez carne na pessoa de Jesus. Na oficina de José, se fez operário (categoria de classe social), na Amazônia, se faz índio”. A encarnação como manifestação de uma presença amorosa de Deus não assume só o humano enquanto indivíduos, mas como coletivo e como cultura e, portanto, como religião. Não existe fé sem uma expressão cultural que seja religiosa ou não. Cada vez que uma comunidade responde à revelação divina que aceita viver a intimidade com Deus, responde em sua língua, em sua cultura e do seu modo. Isso é a religião. A distinção entre

revelação e religião é necessária para assumir as religiões como expressões culturais. Valoriza-as em sua verdade para relativizá-las. Se aplicamos isso aos sacrifícios, devemos dizer que, para Deus, não são necessários; para a intimidade com Deus, podem ser superados; mas como expressões culturais das religiões, contanto que não sejam expressões de injustiças e opressões, são expressões válidas de fé e, de acordo com a revelação cristã, são aceitos por Deus.

4 – Se fosse necessário alguma conclusão.

Os sacrifícios nas religiões não podem ser compreendidos fora do contexto das culturas e da realidade da vida em seu conjunto social e política. No mundo capitalista atual, as pessoas e grupos que diariamente lutam por sua sobrevivência econômica, social e também cultural, vivem um sacrifício que não é só sacrifício religioso. É existencial. E esse sacrifício pela sobrevivência não é feito ou perpetrado pelos próprios pobres. É pela elite internacional, seja pela elite da própria sociedade em questão. É uma situação na qual a própria vida é um sacrifício permanente. E os governantes e técnicos que lidam com a crise econômica vivem dizendo: “Temos de fazer sacrifícios”. Nós temos de nos posicionar contra essa cultura sacrificial que devora os pequenos. Temos de nos perguntar se, nesse mundo cruel e assassino, a importância que as culturas oprimidas dão aos sacrifícios religiosos não é uma forma de exorcizar os sacrifícios injustos da própria vida. No catolicismo popular, os romeiros do Padre Cícero viajam léguas para cumprir sua promessa e participar da romaria em Juazeiro. Em uma pesquisa feita com eles, era comum eles afirmarem que os sofrimentos que enfrentavam na viagem eram bons ou positivos

para dar mais valor à romaria. De um lado, não devemos reforçar essa forma de ver Deus ou de compreender a fé, mas de outro lado, percebemos que se atacarmos isso, enfraqueceremos o conjunto homogêneo de uma cultura de resistência a tantos sacrifícios da vida. Temos de compreender os sacrifícios nas religiões populares dentro dessa ótica. Podemos sim fazer a eles dois tipos de crítica, a primeira que viria da sensibilidade atual de alguns segmentos da sociedade civil e parte dos direitos dos animais. A segunda seria mais teológica e espiritual.

1º - A crítica eco-social só tem sentido se feita por um tipo de segmento social que não só superou as discriminações de raça e classe social, mas também a discriminação de espécies ou o especifismo. Aí todos seríamos vegetarianos e poderemos, então, lutar contra o abate de animais, primeiramente nos açougues e indústrias capitalistas que são cruéis e reduzem o animal à condição de mercadoria, além de matar animais em quantidades astronômicas e diariamente. As religiões populares fazem isso nas festas e dias especiais. Embora o sacrifício seja sempre violento porque acarreta morte, é sem dúvida, de forma menos cruel que o matadouro coletivo e industrial.

2º - A crítica teológica e espiritual é complexa e polivalente. De um lado, leva em conta a antropologia social e valoriza as religiões todas e suas manifestações, sem etnocentrismos nem velhos preconceitos que dividem as religiões em mais ou menos evoluídas. A teologia do Candomblé nos garante que Candomblé ketu, Iorubá e outros, sem sacrifícios de animais não seria Candomblé e sua sobrevivência estaria ameaçada. O mesmo se pode dizer de várias outras manifestações de culto de matriz afro. Ora, como diz o

evangelho, “pelos frutos conhecereis a árvore”. Os frutos da religião dos Orixás com seus sacrifícios são bons e importantíssimos para as comunidades afrodescendentes: a resistência cultural, o fortalecimento da identidade dos grupos, a unidade e a solidariedade que une as pessoas. Uma intervenção exterior que proíba a expressão religiosa ou uma manifestação importante dessa religião seria desrespeitosa, antiecumênica e antiética. Toda religião pode ser usada como comércio com o Divino, mas não é essa a espiritualidade expressa nos sacrifícios das religiões populares. A profecia pode sim pedir a superação dos sacrifícios como tributos prestados, seja a Deus seja à natureza, mas essa profecia teria de se dar não de fora, mas dentro da própria religião afrodescendente e a partir de uma contraproposta coerente com o conjunto da cosmovisão e da teologia afro. Isso significa a proposta de uma expressão cultural mais gratuita e mais livre. Tenho a impressão de que essa postura profética já existe no interior das próprias religiões e embora lenta e processual, ela não precisa de leis nem de imposições vindas de fora.

3º - Cristãos coerentes com a sua fé têm sim de lutar contra a visão sacrificial da religião dentro de suas próprias Igrejas e da sociedade dominante. Nas Igrejas, trata-se de ajudar a superar uma teologia da morte de Jesus e da eucaristia que vá além da linguagem sacrificial e de uma visão heteronômica de Deus. Em relação à sociedade, temos de desmitizar a falácia que o Capitalismo neoliberal emprega ao dizer aos pobres “É preciso fazer sacrifícios” para roubar deles seus direitos sociais. Jesus diria que os sacrifícios feitos pelos pobres nos terreiros da vida é o óbulo da viúva pobre (Mc 12, 41 ss), que Jesus não elogia. Ao

contrário, denuncia como exploração feita pelo templo, mas defende a viúva. Ao contrário, o sacrifício limpo e disfarçado dos mercadores do templo é desmascarado. Jesus os expulsa com chicote, derruba as mesas dos sacrifícios e diz ainda hoje aos mercadores do sagrado: “Tirem isso daqui. Não façam da casa do meu Pai (que é o mundo inteiro, a própria terra), um covil de ladrões”. E anuncia: “Edificarei outro templo, outra forma de relação com Deus, não feita pela mão humana”. O evangelho conclui: “Ele se referia ao templo do seu corpo”. Amém (Cf. Jo 2, 13 – 21).